

Vivemos um quotidiano em permanente mudança, que se sucede a um ritmo tão frenético que os sentidos mal podem apreender. Mas também nos vamos habituando a assistir à mudança e a aceitá-la como inevitável, mesmo quando não nos parece de todo possível incorporar nesse quotidiano todos os processos inovadores que o potenciam. Torna-se também evidente que, afinal, ignoramos nesse quotidiano tanto da novidade nele contida, grande e pequena novidade, importante quanto baste para provocar a mudança, aquela que permite distinguir a nossa geração de outras que a antecederam ou lhe sucederão.

Por isso, habituar-nos-emos a uma biblioteca nova que depressa constituirá somente mais um outro elemento do quotidiano académico, cuja existência será sobretudo notada em dias em que se encontre encerrada ou quando algo não funcione de acordo com os padrões habituais, da mesma maneira que incomoda quando abrimos a torneira e a água teima em não correr ou quando esforçadamente manipulamos o interruptor e a lâmpada permanece apagada.

Ora entre as muitas forças que animam a onda de mudança que tem varrido as nossas existências, destaca-se como elemento de primeira grandeza o computador — e a informática em geral — aquele que poderia ser responsável no actual estado civilizacional pela libertação do Homem para o lazer, de acordo com algumas opiniões. Mas, para além de elemento de mudança, o computador transformou-se em materializador do sonho, um sonho — ou uma utopia — que tantas vezes fica aquém da realidade quando transformado em imagens ou, inclusivamente, em sensações. A mera existência do computador tem permitido pensar a "extinção" do livro à medida que avança toda a panóplia de soluções *multi-media*, transferindo agora para um obscuro "nó" de uma rede informática, sediado numa sala asséptica e impessoal, as mais recentes sacralizações da informação e do

saber, como aconteceria antes a lugares terrenos como Alexandria.

Daí parecer tão problemático, ou poder mesmo não fazer sentido, como tantas incertezas que se projectam no futuro, tentar antecipar a biblioteca a edificar, ainda que a necessidade de criação de estruturas materiais e procedimentais — organizar — pareça constituir o principal desafio. Mas mais do que a biblioteca futura importaria enquadrar a forma como as gerações futuras se ligarão a essas bibliotecas e como poderão reagir às tradicionais, enquanto os mais jovens adquirem e consolidam importantes componentes da sociabilidade através de meios audiovisuais, que promovem o virtual em detrimento do real. Em que medida será necessário mudar a biblioteca para que continue a responder às solicitações da globalização, derrubando, no fundamental, a imagem do leitor «isolado» mergulhado nos livros?

Tudo mudará tão depressa que o livro — o real sólido — dará inevitavelmente lugar ao virtual em suporte informático — o real volátil — e assim se caminhará inevitavelmente para a «museificação» do livro em detrimento de uma nova crença, aquela que resultará do acreditar que a informação existe fisicamente em suporte informático, mesmo que a dimensão humana o não possa reconhecer, mesmo que seja de todo impossível apreender essa informação de forma directa pelos sentidos.

A civilização da informação que desponta e que se enraíza a uma escala global, pode ou não ser estimulante, mas por constituir em si mesma um desafio ao desconhecido e à vertigem do acesso à informação criará inevitavelmente novos medos sobretudo aqueles que dela se autoexcluem. Mas se a informação é hoje vital e estratégica para qualquer comunidade, onde se inclui, por maioria de razão, a académica, a dimensão humana tem-se mostrado, felizmente,

inultrapassável. Se o acesso à quantidade de informação tem cultivado o superficial e potenciado a vertigem da não reflexão, a dimensão humana do livro convida à ponderação, à introspecção, ao lento precipitado do conhecimento que o tempo alimenta, num ritmo e numa dimensão sensitiva onde o homem se continua a inscrever e que, definitivamente, o espartilha.

Por tudo isto, ainda que a biblioteca passe a estar ligada ao global em tempo real, ainda que as ondas de informação sejam uma das bases da sobrevivência académica, apesar de tudo o mais, nada poderá ultrapassar a solenidade de tocar e de abrir, a emoção do folhear e a recompensa da leitura do livro.

*Luís Paulo Saldanha Martins*